Entre a
Polônia e o Brasil
Histórias de família

Pedacinhos de histórias de famílias polacas

Famílias Kisielewicz, Mazurek, Schenegoski, Staichoski

Relato de Marisa do Rocio Mazurek Krüger
Kisielewicz, Mazurek, Schenegoski, Staichoski... sobrenomes poloneses que me definem.

Cresci ouvindo histórias da Polônia. Eram tão bem descritas, cheias de amor e saudades, que eu fechava os olhos e podia vê-las, como num filme. A descrição da fazenda, das plantações, do frio intenso e da neve. Do preparo do pão, desde a fabricação do fermento feito com batata ralada. Era uma vida cheia de obrigações, mas cheia de amor por aquele lugar.

Também havia relatos tristes, como o do tempo da guerra, com medos, incertezas, fome, pobreza...

Minha avó paterna, Maria Kisielewicz Mazurek, chegou ao Brasil com toda a sua família no dia 09/06/1924, no porto de Santos, a bordo do navio Antônio Delfino. Saíram da Polônia após perderem tudo o que possuíam por causa da guerra.

Meu bisavô Ignacio Kisielewicz foi convocado para a Primeira Grande Guerra, e teve que levar muitas coisas da sua fazenda junto: carroças, cavalos, bois, alimentos, e lá perdeu tudo. Minha avó contava que foi uma época muito difícil. Ficaram na fazenda minha bisavó Katharina, que estava grávida, e mais seus cinco filhos pequenos, com apenas uma vaquinha para dar leite.

Após o término da guerra, meu bisavô trouxe consigo apenas uma medalha de "honra ao mérito". A família tinha aumentado, o bebê nascera, mas tinham perdido mais ainda. Como tinha tido um inverno muito rigoroso, e mantinham o fogo aceso na casa para se aquecerem, num descuido, tudo se queimou.

A família resolveu tentar a sorte na Iugoslávia, por volta do ano de 1918, permanecendo lá até 1924. Ouvindo rumores da imigração para a América, meu bisavô vendeu tudo o que conquistaram: fazenda, gado, móveis, utensílios, e embarcou com a família para o Brasil.

Chegando aqui, foram encaminhados para a fazenda chamada Luis Pinto, próxima da cidade de Bernardino de Campos. Minha avó e seus irmãos trabalharam no cultivo do café. José e Ignácio, irmãos da minha avó, trabalharam numa beneficiadora de algodão em Ourinhos. Todos sofreram muito com o trabalho pesado e com o clima quente. Estavam acostumados com frio e neve.

Ficaram sabendo que no Sul o clima era melhor, frio, com terras boas para cultivo. Meu bisavô confiou num polonês que lhe contava essas maravilhas e viria a ser o intermediador para comprar-lhe uma boa fazenda. Infelizmente, era um trapaceiro, e levou todas as economias trazidas da Europa.

Quase sem dinheiro, toda a família, em 1928, abandonou a fazenda Luis Pinto em direção a Ponta Grossa, no Paraná. Aqui chegando, meu bisavô comprou uma pequena casa, e foi trabalhar de jardineiro e horticultor na casa de um bispo ortodoxo.

Minha avó me contou que meu avô Miguel veio da Polônia no mesmo navio, mas ele era casado. Sua esposa estava grávida e tinham mais dois filhos pequenos. A bordo do navio era tudo muito difícil, então as famílias ajudavam-se umas às outras. Minha avó, que era bem jovem na época, ajudou a cuidar das crianças do casal, que mais tarde viriam a ser seus enteados.

Anos mais tarde, já viúvo, Miguel reencontrou minha avó em Ponta Grossa, e eles se casaram. Tiveram dois filhos: Antônio e meu pai Francisco.



Festa da família, década de 1940. Em destaque, meu pai, Francisco, e minha avó Maria. Acervo da família

O casamento não deu certo e, algum tempo depois, se separaram. Minha avó casou-se anos depois com o senhor Winik e teve um filho, meu tio Alberto. Meu tio casou-se com Leda e foi morar em São Paulo, levando minha avó Maria com eles.

Ela vinha sempre para Ponta Grossa nas minhas férias de julho e janeiro. Eram dias maravilhosos: muitas histórias e muitas comidas gostosas. Não podiam faltar *pierogi e gołąbki*, pepinos azedos, pão e cuque assados no forno de lenha.

Minha avó recebia muitas visitas de familiares e de outros imigrantes poloneses, seus amigos, que vieram no mesmo navio. Nessas ocasiões, eu ouvia as conversas, mas não entendia nada. Era tudo em polonês! Sei pouquíssimas palavras em polonês, quase todas relacionadas aos alimentos.



Eu e minha avó, aproximadamente 1983. Acervo pessoal.

A família da minha avó materna também era polonesa. Minha avó Martha Schenegoski Ferreira, também me ensinava algumas palavras. Lembro que ela rezava em polonês sempre que recebia a visita da capelinha.

Infelizmente, pouco aprendi da língua, pois havia um certo receio em falar polonês. Muitas pessoas faziam bullying pelo jeito "arrastado" que os polacos falavam: "caróça", "repóio".

Mas sou polaca, com muito orgulho, pois, depois de tanto sofrimento, perseguições e destruição, esse povo soube se reerguer e se refazer. Hoje, a Polônia é um país livre e lindo, que não para de crescer. Meu sonho é logo poder conhecê-lo.

Infelizmente, não conseguimos identificar o nome da cidade em que minha avó nasceu. Toda esta pesquisa histórica da família Kisielewicz foi escrita por Haroldo Kisielewski, primo do meu pai Francisco.

Quanto às famílias Schenegoski e Staichoski, não há relatos escritos. Comecei a pesquisar em sites da internet, mas preciso ainda ir ao Ofício de Registro Civil de Itaiacoca e buscar nos arquivos da diocese de Ponta Grossa para me aprofundar.

Essas famílias se estabeleceram em Itaiacoca, distrito de Ponta Grossa, numa colônia agrícola. Lá nasceu minha avó Martha Schenegoski Ferreira.

Muitas famílias migraram do distrito de Itaiacoca para a área urbana. No bairro de Uvaranas, há muitos descendentes de poloneses que vieram de Itaiacoca. Minha bisavó Maria Staichoski Schenegoski abriu um pequeno comércio na vila Ana Rita, em Uvaranas, onde vendia muitos produtos vindos de colonos da Itaiacoca que permaneceram lá.



Eu, minha avó e meu filho Rodrigo, 1991. Acervo pessoal.

Marisa do Rocio Mazurek Krüger **- marisarmkruger@gmail.com**

Realização: CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento: Senat – Polonia 2026

Apoio: KUL